



A INFLUÊNCIA DA PRESENÇA DO TÉCNICO EM COMPETIÇÃO DE JUDÔ

Anne Nascimento Campos
Gabriela Conceição de Souza

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo discutir a influência do técnico sobre o desempenho do atleta em uma competição de judô. O estudo foi realizado com a aplicação de questionários semiabertos, sendo vinte a atletas e vinte a técnicos. Os dados coletados foram categorizados e analisados segundo a proposta da Análise do Conteúdo de Bardin (2011). Dos atletas que participaram da pesquisa, oito disseram que a presença do técnico influencia completamente no seu desempenho e doze afirmaram que influencia muito; entre os técnicos, dez afirmaram que a influencia é completa, oito disseram que influencia muito e dois disseram que influencia pouco. Esta influência na maioria das vezes é empírica, porém é fato que a díade técnico-atleta positiva, exerce uma influencia decisiva no desempenho dos atletas.

PALAVRAS-CHAVE: Artes Marciais; Judô; Relação Técnico-atleta; Competição de Judô.

INTRODUÇÃO

O criador do Judô nasceu em 28 de outubro de 1860, em Mikage (distrito de Hyogo), no Japão. Aos onze anos Jigoro Kano transferiu-se para Kioto para estudar inglês, tornando-se mais tarde professor e tradutor. Fundou sua própria escola em Tóquio, o Kobukan.

Na adolescência sentia-se inferiorizado ao praticar esportes, pois além de ser de pequena estatura e baixo peso, tinha a saúde frágil. Sendo filho de Samurai, não conseguia tolerar as corriqueiras perdas nas brigas entre colegas e começou a estudar Jiu-Jitsu. Seu primeiro professor foi o mestre Fukuda da Escola Coração de Salgueiro- Yoshin-Ryu (VIRGÍLIO, 1986).

Segundo autor acima citado, com dezoito anos Jigoro Kano começou a cursar Letras e Ciências Estéticas e Morais na Universidade Imperial de Tóquio. Em 1882, ano de sua formatura, fundou o Kodokan (Instituto do Caminho e da Fraternidade) com a finalidade de ensinar um novo estilo de luta, sem segredos, mais seguro e que todos pudessem praticar. Surge então o Judô, “Caminho da Suavidade”.

Praticante de Ju-Jutsu desde a adolescência, além de professor, Kano era uma pessoa de alta cultura geral e buscava explicações científicas, baseadas nas leis da dinâmica, ação e reação, para os golpes que aprendia. Selecionou então, as melhores técnicas dos vários sistemas do Ju-Jutsu. Kano, então Inseriu conceitos básicos de equilíbrio, gravidade e sistema

de alavancas e criou os golpes do Judô. Criou uma luta que visasse ser mais esportiva, fugindo do conceito do Shin-Ken-Shobu cujo significado é “lutar até a morte”, em seu processo de esportivização o Judô se baseou no Ippon-Shobu que significa “luta pelo ponto completo, pelo golpe perfeito” (VIRGÍLIO, 1986).

Como educador Jigoro Kano se preocupava também com a cultura do seu povo, que vinha se perdendo devido ao processo de ocidentalização que o Japão se encontrava desde abertura de seus portos ao comércio exterior, trazendo mudanças políticas e sociais (SOUZA E MOURÃO, 2011). O Judô buscou reafirmar as tradições japonesas, visando à disseminação e perpetuação de uma cultura milenar.

Em 04 de maio de 1938, voltando de uma viagem ao Cairo, onde aconteceu um encontro do Comitê Olímpico Internacional e foi lançada a proposta de Tóquio sediar a 12ª Olimpíada, morre o mestre Jigoro Kano a bordo do navio (KANO, 2008).

Desde os Jogos Olímpicos de Tóquio em 1964 o Judô se mostrava como um esporte competitivo, concretizando-se em 1972 nas Olimpíadas de Munique, quando se tornou oficialmente uma modalidade olímpica (SOUZA E MOURÃO, 2011).

Para Feijó (1998), competição é um jogo entre adversários visando saber quem é o melhor, quem é o vencedor; é enfrentamento.

Nesse processo competitivo, uma série de fatores são relevantes para que se chegue ao final como vencedor. O atleta, que é a figura principal desse contexto, sozinho, muito dificilmente conseguirá obter êxito. É a partir desse momento que o treinador (equipe técnica) se transforma em agente determinante para levar esse atleta até o pódio.

Porém, estudos apontam que a forma como o técnico conduz esse treinamento antes, durante e após a competição; sua forma de liderar e desenvolver as habilidades psicológicas do atleta podem afetar diretamente seu rendimento (LÔBO; MORAES; NASCIMENTO, 2005).

Feijó (1998) atenta para uma particularidade das lutas de origem oriental, como o Judô, que é a ausência ou busca de minimizar a agressividade hostil, onde suas regras competitivas demonstram uma carga filosófica mais cooperativa. Assim as características desse atleta se diferem da dos demais praticantes de modalidades que não possuem essa preocupação.

Este artigo procura discutir sobre as contribuições do treinador/técnico no desempenho competitivo de seu atleta, sendo ponte para estudos futuros sobre os fatores de influência da relação técnico-atleta, motivação e interação dos sujeitos (atleta, treinador, árbitro, pais) numa

competição de Judô.

A contribuição acadêmica aqui apresentada esta pautada na discussão da influência dos técnicos sobre os atletas de alto rendimento em competições, de maneira que proporcione seu melhor desempenho e compreendendo as reais contribuições para o atleta. Nesse contexto pode-se destacar a importância de pesquisas na área da psicologia do esporte e sua relevância quando se observa o atleta de forma integral (aspectos físicos, mentais e comportamentais). Além disso, os resultados aqui apresentados contribuirão também para que os técnicos se preocupem em otimizar seu tempo de orientação aos atletas no momento da luta de judô.

A COMPETIÇÃO E A COMPETIÇÃO DE JUDÔ

A partir dos conceitos modernos de competição, surgiu a discussão de uma ideia de Competição Interna e Externa, sob a visão da Psicologia Holística (um olhar para o atleta de forma integral), visando identificar qual será mais benéfica para o atleta. Assim, Competição Externa é a ideia tradicional de se competir contra algum adversário, o objetivo está em ser melhor que um time ou alguém; já a Competição Interna visa um esforço pessoal, cujo objetivo principal é a auto-realização (FEIJÓ, 1998).

Esporte de alto nível, segundo Feijó (1998), é todo desporto competitivo em âmbito profissional. O autor acredita que “quando o atleta é treinado em função dos outros, geralmente experimenta crescimento, ao invés de desenvolvimento”, e que “quando o atleta compreende sua própria responsabilidade, entende o que é de fato cooperar dentro da equipe” e desta maneira o técnico se ocupa do desenvolvimento total do atleta.

Milistetd et al (2008), em sua pesquisa com treinadores de voleibol sobre o papel da competição para o atleta, identificou alguns objetivos como: incentivo para aprendizagem (busca pela superação); desenvolvimento psicológico (gestão de situações de estresse e pressão, desenvolvimento da autoestima, confiança e autonomia); feedback para o treino (construção de um referencial do que deve ser melhorado ou reforçado) e desenvolvimento tático (compreensão do jogo, conhecimento do adversário).

Em uma competição o atleta precisa sentir-se “apoiado” para dar suporte ao tático e Cratty (1984) ao descrever e analisar os tipos de apoio necessários ao atleta afirma que “a presença do técnico representa grande apoio para o atleta”. Ao exemplificar, o autor mostra um atleta esta em estado de isolamento quando esta competido sem o técnico em um ambiente não-familiar, em uma situação extremos oposta, está o apoio de um grupo grande como o de um time de futebol jogando em casa.

Atravessando para o esporte objeto deste artigo, desde a sua criação, o Judô pretendia ser uma luta esportiva. Porém apesar de sua rápida expansão pelo mundo, era considerado monótono, desinteressante e incompreensível aos leigos (VIRGÍLIO, 1986).

A partir daí, surgiram uma série de mudanças nas regras a fim de tornar o Judô bem aceito até mesmo como esporte olímpico. Somente com a fundação da Federação Internacional de Judô (FIJ), em 1951 os japoneses, até então no comando supremo de todas as determinações relacionadas ao Judô, começaram a aceitar que essas mudanças se faziam necessárias (VIRGÍLIO, 1986).

No Brasil, o Judô era regido pela Confederação Brasileira de Pugilismo e até 1954 se utilizava de regras oficiosas vindas do Ju-Jutsu e que não se preocupavam com a integridade física dos praticantes. A partir dos anos de 1960, surgiram regras próprias, aplicadas no Primeiro Campeonato Brasileiro de Judô, realizado no Rio de Janeiro (VIRGÍLIO, 1986).

Nos primeiros Jogos Olímpicos com a participação do Judô, em 1964 na cidade de Tóquio, surgiram modificações, como a divisão em quatro categorias de peso. O 4º Campeonato Mundial, em 1965, também realizado no Rio de Janeiro trouxe mudanças significativas, como a utilização, pela primeira vez, do sistema brasileiro de repescagem, amenizando as falhas das eliminatórias simples, até então empregadas. Neste Mundial de 1965 o inglês, Charles Stuart Palmer foi eleito presidente da FIJ e então, parâmetros fixos para a arbitragem foram criados, possibilitando o entendimento do público e até mesmo dos atletas, que muitas vezes não sabiam por que estavam ganhando ou perdendo (VIRGÍLIO, 1986).

Em 1967 foram aprovadas as Primeiras Regras de Competição da Federação Internacional de Judô no Congresso de Salt Lake City, dentre elas: gestos do árbitro central e laterais padronizados e definidos (VIRGÍLIO, 1986).

Até chegarmos às regras atuais, muitas mudanças ocorreram, sempre com o objetivo de tornar o Judô mais atrativo ao público, interessante, compreendido ao atleta e principalmente ao leigo, como, por exemplo, a adesão ao quimono azul, que consiste em um dos dois competidores usarem um quimono azul e o outro vestir o tradicional quimono branco com o propósito do público e a arbitragem poderem visualizar melhor o combate ao longo da luta (VIRGÍLIO, 1986).

As mudanças mais recentes da Federação Internacional de Judô foram realizadas entre 2011 e 2013 após serem testadas em competições como o mundial Sub-20 em 2011 na Cidade do Cabo (África do Sul), Grand Slam de Paris em 2012 e no Campeonato Mundial do Rio em

2013. As novas regras consistem em: restringir a orientação do técnico aos momentos de pausa da luta (mate), redução de três árbitros para apenas um, mudança nas condições do *Golden Score*, critérios de avaliação do golpe perfeito (*Ippon*), das pegadas e posturas dos atletas, sistemas de punição e tempo de imobilização (INTERNATIONAL JUDO FEDERATION, 2013). Além das adaptações para os atletas nas regras mais recentes de 2013, Mattos (2011) comentou sobre o maior impacto para os técnicos afirmando que a nova regra causou expulsões dos técnicos da beira da área, local onde ficam posicionados durante a luta. Esta nova regra está exigindo que os técnicos passem por um período de adaptação para conseguirem se comunicar com os atletas em um curto intervalo de tempo.

O PAPEL DO TÉCNICO

Técnico ou treinador é aquele que conduz e orienta o atleta ou equipe, em competições ou treinamentos, nos aspectos técnicos, táticos e motivacionais (BARBANTI apud LÔBO; MORAES; NASCIMENTO, 2005).

As influências do treinador vão além das experiências desportivas, ele acaba por intervir em outras áreas que se apresentam no decorrer da vida atlética de seus alunos. O ensino de qualquer prática deve assumir uma carga pedagógica, assim, para Sobrinho, Milistetd e Mesquita (2010) “um dos papéis fundamentais do treinador é o de ser professor”.

É importante delimitar a atuação desse professor do esporte, mas “muitas vezes, o técnico exerce, além de sua função primordial, também a função de professor, fisioterapeuta, psicólogo, patrocinador e, às vezes, até de pai” (ARGIMON et al, 2006).

Rodrigues (1995) afirma que várias características podem ser fator de influência na relação do técnico com seu atleta como também nos seus resultados; tais como: formação profissional, modelo de currículo, experiência, dentre outros.

Diversas são as pesquisas que buscam definir e questionar uma personalidade para o técnico bem sucedido. Hendry (apud Cratty, 1984), após estudo realizado com treinadores e atletas de natação, mostrou uma concordância entre eles sobre como deveria ser o técnico ideal, e as características mais presentes foram: sociável, seguro, criativo, inteligente, prático, autocontrole e dominador das situações esportivas.

Essas características perpassam a formação desportiva, atingindo o nível pessoal e social do atleta/aluno, se faz necessária uma ênfase com reforço positivo nos treinos, diminuindo as abordagens negativas impressas pelo técnico.

Ser treinador é muito mais do que simplesmente estar à frente de uma equipe e treina-

la da forma que considerar melhor. Ser treinador implica responsabilidade, conhecimento e dedicação, de forma a legitimar uma formação coerente de crianças e jovens (SOBRINHO, MILISTETD e MESQUITA, 2010).

Segundo Cratty (1984), o técnico bem sucedido é capaz de analisar a si mesmo, as circunstâncias e o atleta como variáveis que estão sempre em mudança.

É sabido que, a forma como os atletas percebem o comportamento de seus técnicos pode afetar seu rendimento (LÔBO; MORAES; NASCIMENTO, 2005) e o estilo de liderança desse treinador deve visar uma intervenção a fim de alcançar o potencial máximo de seus atletas, como agentes ativos em competições e seres sociais, respeitando as normas e regras do desporto (LUKE, 2001).

Referente ao Judô, Mesquita (1994) identifica um alto índice de autoritarismo por parte dos professores nas aulas ministradas. Para ele, o Judô possui uma carga autoritária, pois vem de uma cultura extremamente disciplinarizante e rígida, que é a japonesa. Os *senseis* (professores) acabam por reproduzir uma série de costumes e tradições que em nada se parecem ou tem significância para nossa cultura ocidental. O autor ainda recomenda que haja uma adaptação que corrobore com as tendências pedagógicas democráticas da educação física, atendendo à realidade do aluno/atleta.

Enfim, a ação do técnico perpassa a formação desportiva, ele acaba por intervir na vida pessoal e social do atleta. E para uma formação em longo prazo, o atleta precisa ser o agente de sua aprendizagem, formador de opinião, crítico, capaz de interpretar seus erros (SOBRINHO, MILISTETD e MESQUITA, 2010).

A DÍADE TÉCNICO-ATLETA

A qualidade da interação entre técnico e atleta se fundamenta na comunicação, pois é através dela que se pode compartilhar costumes, pensamentos, instruções etc. A comunicação é a base para qualquer relação interpessoal (SAMULSKI, 2008).

Para Yukelson (apud Samulski, 2008), a comunicação é capaz de influenciar vários processos importantes ao rendimento esportivos, tais como: motivação, concentração, estratégia, atitudes, sentimentos, entre outros.

Vários treinadores se utilizam de uma linguagem própria com seus atletas, que não é de conhecimento do adversário; sendo assim a boa comunicação funciona como estratégia (GOMES e CRUZ, 2006).

Samulski (2008) aponta que a habilidade de comunicação do treinador está ligada às

suas características de personalidade, estilo de liderança e tomada de decisão.

Para que haja maior conexão nessa relação entre atletas e seus técnicos é preciso que cada parte entenda e aceite seu papel, mas acima de tudo, um “duo compatível é constituído por dois indivíduos cujas necessidades são mutuamente complementares” (CRATTY, 1984). Ou seja, em termos de personalidade, por exemplo, um atleta que necessita constantemente de afeto será incompatível com um técnico autoritário e frio, ou ainda, um treinador com um modelo de personalidade mais flexível e democrático, terá dificuldade de se relacionar com um atleta que necessita de alta carga de autoritarismo e disciplina para obter bom desempenho em sua modalidade (TAHARA, SCHWARTZ e SILVA, 2003).

As interações bem sucedidas entre técnicos e atletas são as que permitem a cada membro da díade preencha várias necessidades de afeição, controle e socialização (CRATTY, 1984). E para que o atleta atinja níveis de desempenho adequados, a qualidade dessa relação deve ser preservada.

Esta troca entre as partes deve se ater para que o atleta não seja visto como mero objeto, nem as conquistas como fim maior e nem o técnico como sujeito autoritário detentor da razão (TAHARA; SCHWARTZ; SILVA, 2003).

METODOLOGIA

Este artigo é fruto de uma pesquisa que se caracteriza como de campo exploratória qualitativa com a aplicação de dois questionários semiabertos: um para os atletas, com quatro questões e outro para os técnicos, com cinco questões.

Os atletas responderam a três questões fechadas: uma de identificação (tempo de competidor, sexo e idade), uma de análise da influencia do técnico sobre o atleta, utilizando uma escala gradual que varia entre nada, pouco, muito ou completamente e uma de análise da influência da presença do técnico em competições amistosas, estaduais, nacionais e internacionais, nesta questão poderiam ser escolhidas mais de uma opção. E de forma aberta os mesmos foram questionados sobre a influência da presença e da ausência de seus técnicos em suas lutas.

Os técnicos responderam a quatro questões fechadas: uma de identificação (tempo de atuação e sexo), uma de nível de atuação (agremiação, seleções estaduais, nacionais, masculinas e femininas), uma de análise da influencia do técnico sobre o atleta, utilizando uma escala gradual que varia entre nada, pouco, muito ou completamente e uma para análise de distinção de influência da presença do técnico nas diferentes classes de sexo e idade. Na

quinta questão os técnicos poderiam fazer uma consideração sobre o tema proposto.

Os questionários foram acompanhados de um Termo de Consentimento Livre Esclarecido.

Para este estudo foram selecionados 20 atletas da classe Sênior (a partir de 18 anos) do alto rendimento - 10 de cada sexo e 20 Técnicos - 17 homens e 03 mulheres registrados na Federação de Judô do Estado do Rio de Janeiro (FJERJ) e representantes de renomadas agremiações, participantes do Circuito de Alto Rendimento do Torneio de Encerramento – II Copa Capemisa de Judô 2011, realizado em Novembro de 2011.

Poderiam participar da pesquisa atletas competidores do alto rendimento, maiores de dezoito anos, com mais de dois anos de experiência competitiva e técnicos filiados a Federação de Judô do Estado do Rio de Janeiro, com mais de dois anos de experiência profissional.

Após autorização da FJERJ os questionários foram testados no Campeonato de Encerramento da FJERJ, em novembro de 2010, sendo aplicados para 100 atletas e 20 técnicos. Foram feitas as alterações sugeridas, como a exclusão de uma questão para técnicos e a modificação no enunciado de uma questão para atletas. Após os testes do questionário o instrumento ainda passou pela validação e aprovação de três doutores da área de Educação Física.

Após a coleta dos dados, as respostas foram categorizadas segundo a proposta da Análise do Conteúdo de Bardin (2011) e seus devidos conteúdos foram analisados e confrontados com a literatura acerca da importância do técnico para o atleta em competições.

Podemos apontar como limitação do método a baixa adesão aos respondentes justificado pelo contexto em que foi aplicado o questionário. Muitos atletas não aceitaram responder ao questionário reduzindo ao número de vinte (20) respondentes. Com relação aos técnicos, a dispersão na área comum de circulação da competição comprometeu a abordagem com os informantes.

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS

A pesquisa foi realizada com dez (10) atletas do sexo feminino com média de 9,8 anos de prática como competidoras e dez (10) atletas do sexo masculino, com média de 9,5 anos de experiência competitiva no alto rendimento.

De acordo com a escala gradual de nada, pouco, muito e completamente os atletas foram questionados acerca do nível de influencia, de uma forma generalizada, que o técnico

exerce sob o atleta durante uma competição. O que se identificou foi: das dez atletas femininas, seis disseram que a presença do técnico no momento da luta influencia completamente no desempenho do atleta, quatro disseram que influencia muito e nenhuma sinalizou que influencia pouco ou nada.

Entre os homens, dois informaram que influencia completamente, oito que influencia muito e nenhum disse que há pouca ou nenhuma influência.

Percebe-se que os atletas acreditam que existe um fator de influência com o técnico presente, como corroborado por Lobô, Moraes e Nascimento (2005) que afirmam que a liderança exercida pelo treinador desencadeia um efeito sob o desempenho do atleta.

As características do treinador, seu entusiasmo, suporte, orientação, estilo de comunicação e compatibilidade psicológica com seu atleta, interferem diretamente no rendimento desportivo, elevando os níveis motivacionais e diminuindo a ansiedade e o medo dos atletas (TAHARA, SCHWARTZ e SILVA, 2003).

NÍVEL DA COMPETIÇÃO VERSUS INFLUÊNCIA DO TÉCNICO

No judô existem competições amistosas, estaduais, nacionais e internacionais. Quando perguntados sobre a importância do técnico em lutas de acordo com estes níveis, os atletas se posicionaram da seguinte forma:

Quadro 1: Influência do técnico de acordo com o nível da competição

NÍVEL DA COMPETIÇÃO	ATLETAS FEMININOS	ATLETAS MASCULINOS
<i>AMISTOSO</i>	06	06
<i>ESTADUAL</i>	05	10
<i>NACIONAL</i>	09	10
<i>INTERNACIONAL</i>	09	09

Nesta questão os atletas poderiam marcar mais de uma opção. Isso vem ampliar a possibilidade de influência do técnico sobre o atleta dependendo do nível da competição, supostamente, por depender do período em que o atleta se encontra na periodização que está sendo elaborada pelo técnico para o atleta, aumentando ou diminuindo a confiança e dependência na díade técnico-atleta, como suposto por Samulski (2008).

Cratty (1984) em seu quadro de “Grau de apoio experimentado pelo atleta participante” de competições, diz que um atleta competindo sem seu técnico num ambiente não-familiar, experimenta um sentimento de isolamento. Isto pode ser observado nas respostas dos atletas, quando se observou uma maior atenção para as competições estaduais,

nacionais e internacionais, já que nas competições amistosas, geralmente, os competidores já se conhecem e as competições são realizadas em academias ou clubes onde os atletas treinam, ou seja, são ambientes familiares.

A INFLUÊNCIA DA PRESENÇA DO TÉCNICO VERSUS AUSÊNCIA DO TÉCNICO

De uma forma pessoal, solicitou-se que os atletas avaliassem suas próprias lutas acerca da presença e da ausência do seu técnico, como fator de influencia para seu desempenho e dissessem o porquê.

Das dez atletas femininas, cinco disseram que a presença influencia completamente, cinco afirmaram que influencia muito e nenhuma sinalizou a opção pouco e nada.

Quanto à ausência, duas atletas marcaram a opção completamente, quatro disseram que a ausência de seus técnicos influencia muito, três disseram que influencia pouco e apenas uma disse que não influencia.

Entre os atletas masculinos, dos dez indagados, dois disseram que a presença do seu técnico influencia completamente no seu desempenho competitivo, oito disseram que influencia muito e nenhum marcou a opção pouco e nada.

Na questão da influencia sob a ausência de seu técnico, uma atleta disse que influencia completamente, três disseram que influencia muito, seis disseram que a influência é pouca e a opção nada, não foi sinalizada por ninguém.

Já é sabido que a presença do técnico influencia diretamente o desempenho de seu atleta (CRATTY, 1984), porém ao perguntar aos atletas acerca de suas perspectivas sob a ausência de seu técnico, percebeu-se que a maioria afirmou não haver muita influência. Segundo Tahara, Schwartz e Silva (2003), isso acontece porque cada treinador deve dar autonomia para o crescimento individual do atleta, evitando um sentimento de dependência.

Nos por quês, algumas categorias (BARDIN, 2011) foram criadas, baseadas nas respostas que mais apareceram. Segue um quadro com os atletas masculinos e femininos, as expressões chaves e as frequências:

Quadro 2: Categorização de respostas sobre o porquê a presença do técnico exerce influência no desempenho da luta.

ATLETAS FEMININOS		ATLETAS MASCULINOS	
Expressões Chave	Frequência	Expressões Chave	Frequência
<i>Visão de fora</i>	05	<i>Visão de fora</i>	09
<i>Motivação e incentivo</i>	04	<i>Motivação e incentivo</i>	05
<i>Confiança e Segurança</i>	02	<i>Confiança e Segurança</i>	02

<i>Influência sobre a arbitragem</i>	01	<i>Influência sobre a arbitragem</i>	02
--------------------------------------	----	--------------------------------------	----

De acordo com a percepção dos atletas a “Visão de fora” experimentada pelo técnico proporciona uma influência muito forte, já que foi indicada pela maioria dos atletas, tanto masculinos como femininos. Para Goldsmith e Sweetenham (2002), “o atleta sente a técnica, mas não consegue vê-la; o treinador vê a técnica, mas não consegue senti-la”. Esta expressão, que pode ser traduzida como visão tática, dá ao atleta uma dimensão diferente da luta.

Ferreira e Gaspar (2005) afirmam que a “Confiança” afeta diretamente o resultado de um atleta. Assim, percebe-se que a preocupação dos atletas em terem seus técnicos presentes está ligada não somente a questões táticas, mas também de viés psicológicos; como “Motivação e incentivo”. É papel do treinador promover a manutenção da motivação de seus atletas (LÔBO, MORAES e NASCIMENTO, 2005). Além disso, se sentir seguro, possivelmente esta relacionado ao apoio citado por Cratty (1984). A cumplicidade de um técnico ao longo de horas de treinamento com seu atleta, também mostra os indícios de que a figura do técnico na beira da área oferece a “segurança” a que o atleta se refere neste estudo.

Apesar dos atletas sinalizarem uma “influência sobre a arbitragem”, não foi encontrado nenhum referencial teórico que pudesse estruturar uma discussão acerca dessa questão. Entretanto, podemos afirmar que a partir da nova regra internacional de judô de 2013, em que há apenas um arbitro em área, há novos critérios para apuração de pontos e penalidades e não há mais possibilidade de desempate através dos árbitros, este item ainda pode ser amplamente explorado em pesquisas futuras, uma vez que as formas de comunicação do técnico com o atleta na área de luta devam ser repensadas.

A pesquisa foi realizada com vinte técnicos, todos filiados a Federação de Judô do Estado do Rio de Janeiro e vinculado a renomadas agremiações do Estado do Rio de Janeiro, dos quais três eram do sexo feminino; com tempo médio de atuação como técnico de 15,7 anos.

Dentre as opções de atuação em agremiações (clubes), seleções estaduais masculinas e femininas e seleções nacionais masculinas e femininas todos atuam como técnicos em suas agremiações e dos dezessete homens, cinco atuam ou já atuaram como técnicos em seleções estaduais femininas, dez em seleções estaduais masculinas, um atua ou atuou em seleção nacional masculina e um em seleção nacional feminina. Dentre as três técnicas mulheres, duas trabalharam com seleções estaduais femininas, uma atua ou atuou em seleções nacionais femininas, nenhuma técnica trabalhou com seleções estaduais ou nacionais masculinas.

Foi observado prontamente que no Rio de Janeiro geralmente se vê técnicas mulheres em atuação com as seleções femininas e técnicos homens com as seleções masculinas, mas outros estudos são necessários para compreendermos se este fato estaria associado à afinidade entre os gêneros correspondentes, questões políticas de cargos de confiança ou se haveria uma relação de competência para atuação no cargo de técnico (a) em ambas as seleções.

Da mesma forma que os atletas, os professores foram questionados a respeito da influência, se existente, da presença do técnico no momento da luta de seu atleta. Em uma escala de nada, pouco, muito e completamente: dez disseram que influencia completamente, oito afirmaram que influencia muito, dois que influencia pouco e nenhum sinalizou não haver influência.

A função do treinador na orientação dos seus atletas torna-se muito importante quando percebemos que as suas ações implicam não só a instrução e aperfeiçoamento de técnicas, mas também possui um grande efeito sobre o desenvolvimento psicológico dos atletas (GOMES e CRUZ, 2006). Ainda com relação a esses efeitos Tahara, Schwartz e Silva (2003) afirmam que o técnico pode desempenhar um papel decisivo no âmbito motivacional.

De acordo com Ferreira e Gaspar (2005) “o mais importante para o atleta é o sentimento de apoio incondicional” e na verdade, de uma maneira geral, os técnicos se atentam tanto para o lado técnico e disciplinar, que acabam por esquecer o “lado humano dos atletas” (ARGIMON et al, 2006), parecendo ignorar o papel decisivo e fundamental do psicológico no desempenho do atleta.

A percepção dos técnicos com relação a sua presença nas lutas está em consonância com a opinião dos atletas, quando se observou que a maioria sinalizou uma completa influência para o desempenho do atleta na competição.

Porém, de qualquer forma, existem poucas informações científicas e estas influências são quase sempre de caráter empírico (RODRIGUES, 1995).

A INFLUÊNCIA SOB A IDADE VERSUS O SEXO

Nas competições de judô organizadas pela Federação de Judô do Estado do Rio de Janeiro (2013), os atletas são divididos em classes de idade: 8/9 anos, 10 anos, Sub 13, Sub 15, Sub 18, Sub 21, Sub 23, Sênior e Veteranos I, II e III; sexo e peso.

Foi perguntado aos professores se eles consideravam haver alguma distinção de influência nas diferentes classes de idade e sexo, a partir da classe Sub 13, pois nas classes anteriores não é permitida a permanência do técnico no momento da luta.

Dos vinte técnicos, doze afirmaram que a idade não altera o nível de influência, já oito disseram que dependendo da classe de idade, a influência é diferente. Com relação à diferença de sexo, dezessete técnicos disseram não haver diferença de influência, um técnico disse ter distinção de influencia de acordo com o sexo, dois professores não opinaram por não trabalharem com ambos os sexos.

No material consultado não se encontrou nenhuma alusão à distinção de atuação do técnico com as diferentes classes de idade e sexo. Porém, de uma forma mais global, Matos (apud Tahara, Schwartz e Silva, 2003), afirma que técnicos e atletas estão sujeitos a sofrer influencias um do outro, mas que isto pode ou não afetá-los, tudo depende de como seu desenvolvimento psicológico encara cada situação. Esta influência mútua se evidencia na elaboração do autoconceito experimentado por cada parte da díade técnico-atleta (SAMULSKI, 2008). A forma como o treinador lida com os sucessos e fracassos do atleta podem afetá-lo em vários âmbitos e a recíproca é verdadeira quando o atleta atribui seus resultados somente ao desempenho de seu técnico (ARGIMON et al, 2006).

A verdade é que, quanto mais positivo e estimulante for o ambiente proporcionado ao atleta, maiores serão as possibilidades de níveis elevados de rendimento (FERREIRA e GASPAR, 2005).

Técnicos e atletas precisam estar engajados, em sincronia, com objetivos comuns, assim, o resultado final poderá ser positivo para ambos, o que contribui para afirmações anteriores de que as formas de comunicação entre eles devem ser amplamente exploradas.

CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

Como foi visto nesta pesquisa, de acordo com a literatura e a percepção dos técnicos e atletas participantes, a presença do técnico no momento da luta numa competição de judô, influencia no desempenho do seu atleta e a ausência não parece exercer influência, não significando influência de forma negativa ou prejudicial ao atleta.

A comunicação entre o técnico e seu atleta é determinante para se alcançar um resultado final positivo e esta começa desde o treinamento.

É necessário que o técnico entenda a humanidade e as limitações do seu atleta, pautando metas possíveis a serem alcançadas. Entendendo isso é possível que ambos sejam realizados em seus objetivos.

O judô é repleto de simbologias e trás no seu cerne uma filosofia que visa principalmente o bem estar de seus praticantes. Como esporte de alto rendimento não é

diferente dos demais e há uma constante superação. Técnicos e atletas precisam avaliar até que ponto vale a pena ultrapassar limites, sejam eles físicos ou psicológicos.

Recomendam-se mais estudos na área da psicologia do esporte voltada às lutas, bem como análises mais detalhadas de outras interações existentes em uma competição de judô.

THE INFLUENCE OF THE COACH'S PRESENCE IN THE JUDO COMPETITION

ABSTRACT

This study aims to discuss the influence of the coach on the athlete's performance in a judo competition. The study was conducted with questionnaires semi-open to athletes and coaches. Data collection was categorized and analyzed according to the proposal from the Content Analysis of Bardin (2011). From athletes who participated in the survey, eight said it's full influence in the presence of coach and twelve stated that influences a lot; among technicians, ten said the influence is complete, eight said they influences a lot and two said little influence. This influence is mostly empirical, but it is a fact that the coach-athlete dyad positive, exerts a decisive influence on the performance of athletes.

KEYWORDS: Martial Arts; Judo; Coach-athlete Relationship; Judo Competition.

LA INFLUENCIA DE LA PRESENCIA DEL ENTRENADOR EN LA COMPETICIÓN DE JUDO

RESUMEN

Este estudio tiene como objetivo analizar la influencia del entrenador en el rendimiento del atleta en una competición de judo. El estudio se realizó con cuestionarios semi-abiertos a los atletas y entrenadores. La recolección de datos fue categorizada y analizada de acuerdo con la propuesta de análisis de contenido de Bardin (2011). De los atletas que participaron en el estudio, ocho dijeron que es pleno efecto en la presencia de técnicos y doce declaró que influye mucho, entre técnicos, diez dijo que la influencia es completa, ocho dijeron que mucha influencia, y dos dijeron poca influencia. Esta influencia es principalmente empírico, pero es un hecho que el entrenador-atleta díada positivo, ejerce una influencia decisiva en el rendimiento de los atletas.

PALABRAS CLAVES: Artes Marciales; Judô; Entrenador-atleta Relación; La Competencia de Judô.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARGIMON, I, L et al. *Técnicos de futebol e a prática da psicologia no esporte*, 2006.

Disponível em: http://www.psicologia.pt/artigos/ver_artigo.php?codigo=A0273. Acesso em: 21 mai 2012.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2011.

BARROS, J. C. T. S; DE ROSE Jr.; D. *Situações de stress na natação infanto-juvenil: atitudes de técnicos e pais, ambiente competitivo e momentos que antecedem a competição*.

R. bras. Ci e Mov; 14(4): 79-86, 2006.

CRATTY, B. J. *Psicologia no esporte* - 2ª Ed.- Rio de Janeiro: Prentice-Hall do Brasil, 1984.

DE ROSE JÚNIOR, D.; KORSAKAS, P. O processo de competição e o ensino do desporto. In: TANI, G.; BENTO, J. O.; PETERSEN, R. D. S. 1. ed. *Pedagogia do desporto*. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 2006. p. 251-261.

DELIBERADOR, A. P. *Judô: Metodologia da participação*. Londrina: LIDO, 1996.

FEIJÓ, O. G. *Psicologia para o esporte: corpo & movimento* - 2ª Ed.- Rio de Janeiro: Shape, 1998.

FERREIRA, J. P. L; GASPAR, P. M. *A importância da Autoestima e da Autoconfiança no contexto da preparação desportiva: O contributo do treinador no desenvolvimento da identidade do jovem atleta*. Portugal: Universidade de Coimbra, 2005.

FRANCHINI, E; RUBIO, K. Aspectos Psicológicos do Judô. In: E. FRANCHINI (autor) *Judô desempenho competitivo*- 2ª Ed.- São Paulo: Manole, p. 335-367, 2010.

GOLDSMITH, W.; SWEETENHAM, B. *Reserve tempo para ser treinador: ensine os seus atletas a porem em prática os princípios científicos*. Revista Treino Desportivo, Lisboa, v. 117, mar. 2002.

GOMES, A. R. *Liderança e relação treinador-atleta em contextos desportivos*. Tese (Doutorado). Psicologia do Desporto. Universidade do Minho, Braga, Portugal, 2005.

_____; CRUZ, J. F. *Relação treinador-atleta e exercício da liderança no desporto: a percepção de treinadores de alta competição*. Estud. psicol., Natal., vol.11, n.1, p. 5-15, 2006.

GOMES, F. Psicologia dos Esportes de Combate e Artes Marciais. In: RUBIO, K. *Psicologia do esporte aplicada*. São Paulo, SP: Ed. Casa do Psicólogo, p.75-94, 2003.

KANO, J. *Energia mental e física: escritos do fundador do judô*. São Paulo: Pensamentos, 2008.

_____. *Judô Kodokan*. São Paulo: Cultrix, 2008.

LÔBO, I. L. B; MORAES, L. C. A; NASCIMENTO, E. *Processo de validação da escala de comportamento do treinador - versão atleta (ECT-A)*. Rev. bras. Educ. Fís. Esp., São Paulo, v.19, n.3, p.255-65, jul./set. 2005.

LUKE, M. *Treinar a liderança ou a liderança no treino... ou ambas*. Revista Treino Esportivo, Lisboa, v. 114, jun. 2001.

MATTOS, L. *FII testa nova regra para técnicos no Mundial Sub 20*, 2011. Disponível em: <http://cbj.dominiotemporario.com/2011app/site/index.php?acao=visualiza&modulo=noticia&i>

d=2118 . Acesso em: 16 de outubro de 2012.

MESQUITA, C.W. *Identificação de incidências autoritárias existentes na prática de judô e utilizada pelo professor*. 1994. 119 f. Dissertação (Mestrado) - Escola de Educação Física e Desportos, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1994.

MILISTETD, M et al. *Concepções dos treinadores acerca do papel da competição na formação desportiva de jovens jogadores de voleibol*. Maringá: R. da Educação Física/UEM, v. 19, n. 2, p. 151-158, 2008.

FEDERAÇÃO DE JUDÔ DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. *Regulamento FJERJ 2013: Regulamento para as competições*. Rio de Janeiro, p. 10, 2013.

RODRIGUES, J. J. F. *O Comportamento do Treinador: Estudo da influência do objectivo dos treinos e do nível de prática dos atletas na actividade pedagógica do treinador de Voleibol*. Dissertação (Doutorado) - Faculdade de Motricidade Humana, Universidade Técnica de Lisboa, Portugal, 1995.

SAMULSKI, D. *Psicologia do Esporte: Conceitos e Novas Perspectivas*. 2ª Ed- São Paulo: Manole, 2008.

SANTOS, S. G; SHIGUNOV, V. *Suporte psicológico ao atleta: Uma necessidade “teórica” que precisa ser aplicada*. Revista Treinamento Desportivo, Santa Catarina, 2000.

SOBRINHO, A. E. P. S; MILISTETD, M; MESQUITA, I. *O papel do treinador no desenvolvimento pessoal e social dos atletas*. Revista Digital - Buenos Aires - Ano 15 - Nº 145 - Junho de 2010. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/> . Acesso em: 7 abr. 2012.

SONOO, C. N.; HOSHINO, E. F.; VIEIRA, L. F. *Liderança esportiva: estudo da percepção de atletas e técnicos no contexto competitivo*. Revista de Psicologia: Teoria e Prática, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 68-82, jul./ago. 2008. Disponível em: http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872008000200006&lng=pt&nrm=iso . Acesso em: 7 abr. 2012.

SOUZA, G. C; MOURÃO, L. *Mulheres do tatame: o judô feminino no Brasil*. Rio de Janeiro, RJ: Mauad X: FAPERJ, 2011.

INTERNATIONAL JUDO FEDERATION. *Sports and Organization Rules: Rule 20.3. Code of Conduct for Coaches*. Lausanne, p. 33, 2013.

TAHARA, A. K; SCHWARTZ, G. M; SILVA, K. A. *Perspectivas qualitativas na relação técnico-atleta*. R. Min. Educ. Fís., Viçosa, v. 11, n. 1, p. 56-66, 2003.

VIRGÍLIO, S. *A arte do judô – 2ª Ed.- Campinas,SP: Papyrus, 1986*.

_____. *Judô: golpes extra gokiô – 2ª Ed.- Campinas, SP: Átomo, 2010*.

WANDERLEY, P. F. T. *Regras de Arbitragem de Judô*, 2003. Disponível em: <http://www.judorio.org.br> . Acesso em: 21 de mai. 2012.